

Da Pedagogia do Oprimido à Pedagogia da Esperança:

Paulo Freire e a luta pelos esfarrapados do mundo.

Deloíze Lorenzet

Felipe Andreolla

RESUMO: Este artigo tem por objetivo investigar as concepções de Paulo Freire que contribuem nas questões dos que lutam para melhorar as condições dos esfarrapados do mundo. Para alcançar este propósito nesta reflexão utilizamos como fundamentação teórica as obras: Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança. As mesmas expressam o pensamento de Freire e sua explícita posição de estar ao lado dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, encorajando-os em seu processo de libertação. Freire confirma que a educação é uma forma de intervenção no mundo, frente a isso é essencial que esta intervenção tenha por finalidade a emancipação e a libertação.

Iniciando a reflexão:

Paulo Freire é um pensador e um educador de grandeza, sua ciência e sua prática surgiram pelas dificuldades que suportou e seu método vem em defesa do mundo dos oprimidos salientando a “Prática da Liberdade”. Este ensaio refletirá contemplando as principais concepções expressas pelo autor na Pedagogia do Oprimido e na Pedagogia da Esperança.

Na introdução de Pedagogia do Oprimido ele expõe que se nada ficar desta obra, ao menos ele reafirma seu propósito de confiança no povo, de fé nos homens e na criação de um mundo que seja menos difícil amar. A Pedagogia do Oprimido é uma obra de grande referência para os educadores, pois nela são postos alguns princípios fundamentais, como a educação para a conscientização e a liberdade, o diálogo como prática constante de humanização, a educação como prática que acontece em comunhão, entre seres humanos que se educam mediatizados pelo mundo.

A Pedagogia da Esperança é uma obra de Freire que reascende a crença no ser humano oprimido, como opção ética e humanística de lutar contra sua opressão em favor da vida e da liberdade. Estes seres humanos são as grandes majorias humilhadas, marginalizadas, exploradas, excluídas, em muitas identidades: o trabalhador explorado, o camponês, o negro, o índio, o mestiço, a mulher, o portador de deficiência ou de qualquer marca de discriminação. Estes possuem sonhos rasgados, mas não desfeitos.

Pedagogia do Oprimido e a libertação:

A Pedagogia do Oprimido escrita em 1967 por Paulo Freire é uma obra que explicita o funcionamento das nossas classes sociais, separando-as em duas, onde, de um lado a minoria formada pela classe dominante, ou, opressora, determinada em seu poder incessante de exploração da vida e da força de trabalho da classe dominada e do outro lado os oprimidos, formado pela grande maioria de seres humanos, trabalhadores explorados, humilhados, marginalizados, excluídos, dominados e manipulados pela classe opressora. A Pedagogia do Oprimido conscientiza e promove a superioridade humana, libertando o opressor e o oprimido, apoiando-se em Marx e Gramsci, e, suas ideologias anti-hegemônicas.

No primeiro capítulo o principal assunto abordado é a “educação como prática da liberdade”. O homem e a mulher são desafiados pela dramaticidade da hora atual, e, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem sobre si, e se inquietam por saber mais. Estará aliás no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura.

Freire confirma que a luta dos oprimidos só terá sentido quando estes, ao buscarem recuperar sua humanidade, não sentirem-se idealisticamente opressores, mas sim, restauradores da humanidade em ambos. Nesta atitude consiste a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.

A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para uma descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações de desumanização. Os oprimidos em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou sub-opressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se formam logo os oprimidos assumem uma postura que chamamos de “aderência ao opressor”. O Homem novo para os oprimidos são os mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão de homem é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência da classe oprimida.

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de assumirem o risco de assumi-la. Para uma pedagogia ser libertadora ela deve estar vinculada ao oprimido e estes sendo modelos na luta por sua redenção.

Do mesmo modo que a educação inexistiria sem a sociedade, o oprimido não se liberta sozinho, mas em comunhão com os opressores e na superação das estruturas opressoras através do engajamento e da comunhão entre os homens.

No segundo capítulo Freire inicia apresentando a concepção “bancária” da educação em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Neste modelo não há espaço para a criatividade, não há transformação, não há saber.

Como fiéis depositárias as pessoas tem medo de se tornarem críticas, terem opinião própria. É mais fácil aceitar e muitas vezes acatar decisões dos outros do que lutar por suas próprias concepções. Há medo que a consciência crítica, a opinião própria possa proporcionar alguma situação de perigo. Porém, no momento em que estas pessoas passarem a ter opiniões próprias, sairão da situação de opressão para viver em libertação.

A relação educador e educando não deve distanciá-los, mas uni-los em uma aprendizagem mútua e constante, superando qualquer dificuldade. Um cresce com o outro, como um depende do outro para existir em sua função.

A educação através da prática problematizadora e libertadora com seriedade existe para conquistar a verdadeira autonomia.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

No terceiro capítulo temos o entendimento que é nas tarefas educativas, que nós docentes devemos estar abertos para responder indagações, conforme as incertezas e aptidões do aluno. Para construir o conhecimento, precisamos concretizar que não há teoria sem prática e assim envolver a compreensão e os anseios dos alunos.

“Quando tentamos um adentramento, no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo a palavra”.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

No quarto capítulo são analisadas as teorias da ação cultural que se desenvolvem a partir da matriz antidialógica e da dialógica.

Os homens são seres da práxis, que emergem no mundo, objetivando-o, podendo conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. Na práxis revolucionária há uma unidade em que a liderança não pode ter nas massas oprimidas o objeto de sua posse. Para

dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. A verdadeira revolução tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas.

Críticos seremos se, uma crítica reflexão que, organizando cada vez o pensar nos leva a superar um conhecimento estritamente ingênuo da realidade. Conceitos como conscientização, união, organização, luta, são timbrados, sem demora, como perigosos para os opressores.

A manipulação se faz por toda uma série de mitos, entre eles, o modelo que a burguesia faz de si mesmo, às massas com possibilidade de sua ascensão.

Na medida em que a conscientização, na e pela “revolução cultural”, se vai aprofundando na práxis criadora da sociedade nova, os homens vão se desvelando das razões de permanecer nas “sobrevivências” míticas, no fundo, realidades, forjadas na velha sociedade.

Não há vida sem morte, como também não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vivida. Enquanto, na ação antidialógica, a manipulação facilita sua dominação, na ação dialógica, a manipulação cede lugar à verdadeira organização.

Por fim, percebe-se que nos dias de hoje o sistema educacional ainda segue disseminando a opressão, não por culpa de seus educadores e sim do sistema que lhe é imposto. Nós educadores devemos assumir uma postura revolucionária passando a conscientizar as pessoas da ideologia opressora, tendo como compromisso a libertação desta classe.

Pedagogia da esperança e explicações sobre a luta em prol dos oprimidos:

Segundo o Prefácio de Leonardo Boff, Pedagogia da Esperança possui este título, pois a esperança da denúncia das injustiças deve ser reacendida, estas situações perversas devem ser superadas, construindo relações mais humanas, fraternas, solidárias, justas, éticas e democráticas.

O livro apresenta a trajetória de Freire, que possuía formação como advogado, que trabalhou por um período no SESI, vinculado a Confederação Nacional das Indústrias como órgão de assistência social, onde conheceu a dureza da realidade da vida de muitas pessoas de Pernambuco. Neste espaço de trabalho Freire aprendeu sobretudo com as relações impostas pelos patrões aos operários e foi formulando seu pensamento pedagógico com as marcas do diálogo, da criticidade e da transformação social.

Dando sequência o autor explica que a obra *Pedagogia do Oprimido* foi escrita em sua primeira versão no período de exílio, no Chile, onde a Unidade Popular tinha um intenso trabalho de mobilização e organização política e pedagógica. Paulo foi exilado com 43 anos de idade e ficou fora de seu país de origem, afastado de parte de seus familiares e amigos por mais de quinze anos. A principal causa do exílio foi seu trabalho de alfabetizar para a conscientização e para a participação política, como forma de denunciar a sociedade injusta e discriminatória e buscar sua mudança.

Desta forma Freire afirma que os oprimidos ao terem consciência da sua situação dão um grande passo, com uma compreensão mais crítica para se engajarem na luta política pela transformação destas condições concretas. Assim, os seres refletem, querem, agem para superar as situações –limites para a realização da humanização, a concretização do “ser-mais”.

O livro expõe fatos, histórias da vida de Freire com relato dos diálogos com camponeses, pescadores, trabalhadores humildes em que Freire valoriza as diferentes leituras de mundo e auxilia a se organizarem pela luta da transformação social e histórica. Para o autor Antonio Chizzotti, esta obra denuncia as diversas máscaras que a opressão usa e recupera para tentar esgotar as esperanças do povo, mantendo as divisões, os sectarismos e a castração das possibilidades.

Tal obra reafirma a esperança para além da mera espera. Onde o educador deve conhecer e significar os saberes do educando. Freire relata que escreveu o livro *Pedagogia do Oprimido*, em 1967, por meio de fichas, enumeradas que iam sendo relidas e dialogadas com amigos e familiares para que melhor esclarecesse seu pensamento e fossem compreensíveis para todos. Freire ressalta que a impressão do livro aconteceu primeiro em Inglês, Espanhol, Italiano, Francês e Alemão e só depois foi impresso em Português e na versão para o Brasil omitindo alguns nomes dos companheiros de exílio que possuía no Chile pelo clima de repressão.

Freire nesta obra humildemente expõe algumas críticas que recebeu em relação a escrita do livro *Pedagogia do Oprimido*, primeiro relata cartas recebidas de mulheres que acusam sua linguagem machista, assim o autor passa a ter maior vigilância em novas escritas, colocando o homem e a mulher como responsáveis pelo processo de engajamento social. A segunda crítica refere-se a sua linguagem rebuscada, muitas vezes elitista e de difícil compreensão para os oprimidos, esfarrapados do mundo, público-alvo desta obra.

Freire também relata em diversos fragmentos o apoio de teólogos, religiosos, religiosas na divulgação da obra, como em uma passagem que descreve que uma irmã, trouxe dos Estados Unidos, diversas obras do livro Pedagogia do Oprimido, apenas com uma capa religiosa e conseguiu distribuir estes livros nas periferias de São Paulo para grupos de trabalhadores lerem, estudarem e dialogarem antes mesmo da publicação aqui no Brasil.

Freire explica que dependendo do perfil do leitor, eram diferentes as perspectivas de interpretação, os estudantes terceiro-mundistas enfatizam os aspectos políticos, filosóficos, éticos, ideológicos e epistemológicos. Os trabalhadores imigrantes europeus (italianos, espanhóis, portugueses) compreendiam a obra como instrumento para melhorar sua prática futura. Já os universitários, de um modo geral, buscavam compreender na teoria certa prática embutida e os operários tentavam surpreender a teoria com o que realizavam em sua prática.

O autor também revela que independente do país, do contexto, da época e da carreira profissional é essencial primeiramente formar seres históricos, políticos, sociais e culturais. Outra importante preocupação que a educação popular deve preservar é a pesquisa em áreas camponesas. Pois, muitos conhecimentos da sabedoria popular, dos povos camponeses e até indígenas, estão sendo reconhecidos dentro da universidade como eficazes, exemplificando o uso das ervas medicinais. Assim, é preciso reconhecer sua ciência e atribuir a estas camadas a confiança essencial à sua luta por um mundo melhor.

Em relação ao modelo escolar, Freire defende uma escola problematizante, uma educação aberta, democrática que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão pelo saber, a curiosidade, a alegria de criar, a valorização do diálogo, dos desafios, onde na prática educativa todos ensinam e todos aprendem. Outra característica indispensável era problematizar as situações concretas, através do aprofundamento das razões da dominação, da opressão. A partir desta percepção, deveria ser assumida uma nova inteligência, uma disposição na perspectiva de transformar, de mudar estas relações.

Por fim Freire destaca que a Pedagogia do Oprimido estava presente como alma fundamental da alfabetização, como leitura do mundo, precedendo a leitura da palavra, como leitura do contexto e do texto, como prática e teoria em dialética unidade.

Reflexões Finais:

Freire foi um educador ilustre. Suas concepções auxiliam a refletirmos sobre nossa opção política, histórica e pedagógica. De que lado estamos? Nossa luta acontece em prol da libertação dos oprimidos e esfarrapados do mundo? Nossa prática educativa é bancária ou progressista? Quais são as premissas que embasam nossa atuação no mundo? É fundamental reconhecer que só há dominados quando há dominadores, só há oprimidos quando há opressores. Nossa luta é para a inversão destes papéis ou para que todos estes envolvidos vivenciem a libertação? Paulo Freire em suas diversas obras reafirma sua opção pela educação para a humanização, para a emancipação e libertação. Como também, ele explica que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Na obra pedagogia da Esperança Freire realiza diversos esclarecimentos de como produziu a obra Pedagogia do Oprimido. Concluindo, nesta obra mais amadurecida o autor expõe e aprofunda sua análise da Pedagogia do Oprimido recontando situações marcantes na sua trajetória de escrita, publicação e diálogos com diversas populações, de diferentes países sobre sua pedagogia crítica e libertadora. De modo geral a obra é marcada por sua seriedade crítica, sua objetividade humanística, engajada com a inovação criativa e processos emancipatórios.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005